

Governo esgotou margem de manobra, diz economista

Para Flávio Fliegespahn, alta dos juros era a alternativa menos dura para reter capital no País

WALMARO PAZ

Especial para o Estado

PORTO ALEGRE - Com a elevação das taxas de juros determinadas pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na quinta-feira à noite, a margem de manobra da equipe econômica do governo se esgotou e agora resta apenas rezar para que as decisões adotadas dêem certo.

A opinião é do professor de Economia Brasileira da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Flávio Fliegespahn, ao analisar a situação internacional a partir da crise na Ásia e, mais recentemente, na Rússia.

O economista gaúcho ressaltou que essa era a alternativa menos dura que existia para a área econômica conseguir reter capital estrangeiro no país.

As outras alternativas seriam mexer na taxa de câmbio ou restringir a saída de capitais do País. Segundo ele, não somente o próximo Natal será recessivo, como o desemprego continuará aumentando nos dois próximos anos.

Fliegespahn explicou que uma intervenção no câmbio seria mais desastrosa, pois o México já experimentou essa medida na crise de 1994 e não teve resultados.

“Já a restrição à saída do capital para fora do País foi adotada pela Malásia, que agora está amargando as consequências da medida que tomou”, disse.

Para ele, só restava a eleva-

ção a taxa de juros como foi feito no ano passado, mas essa também é uma medida que envolve riscos.

“Os russos fizeram isso pouco tempo atrás e a Rússia terminou quebrando”, explica Flávio Fliegespahn, lembrando que “agora só resta rezar para que dê certo”.

Natal ruim - Já o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Dagoberto Lima Godoy, afirmou que “a elevação dos juros é um remédio amargo, porém necessário”.

Para Godoy, que representa a maioria dos empresários gaúchos, o fim do ano será bem pior do que o do ano passado, revertendo a expectativa de crescimento industrial e de emprego que estavam sendo previstas para depois das eleições.

Conforme explicou o empresário, a principal causa da atual situação é a falta de controle sobre os gastos públicos que, aliada à crise internacional, fez com que o governo não tivesse outra alternativa senão promover o aumento brutal dos juros.

O economista Flávio Fliegespahn discorda do industrial e diz ter estudos que comprovam que o único gasto que está trazendo déficit para o Brasil é o feito com os juros da dívida pública.

“Tocar a máquina ainda é viável, pagar os juros é que deixa a situação difícil”, afirmou Fliegespahn. Para o economista da Universidade Federal do Rio Grande, será necessário que o governo corte todos os gastos sociais para que o País possa honrar os compromissos que assumiu com o “capital especulativo pelos próximos dois anos.”